A LEITURA DE SADE PARA A DISSOLUÇÃO DO SUJEITO E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA DE TRANSGRESSÃO, EM FOUCAULT E EM BATAILLE

Francisco Vítor Macedo Pereira[1]

Keitiana de Souza Silva[2]

RESUMO: A estética da existência surge conceitualmente nos debates filosóficos da Pós-Modernidade a partir da última fase que compõe a obra de Michel Foucault (1926-1984). Nos últimos escritos do filósofo francês emerge algo aparentemente inédito em sua obra, que é justamente a inclusão de um *sujeito esteta de si*. da reflexão e da experiência que Foucault tem a partir de suas leituras de Sade (1740-1814), de Nietzsche (1844-1900), de Bataille (1897-1962), de Pasolini (1921-1975) e de Klossowski (1905-2001), mas igualmente como elaboração estética de sua própria atuação filosófica e política, no meio intelectual e cultural Essa fase seria denominada de *genealogia ética do sujeito*, e foi composta prevalentemente por suas duas últimas obras inseridas no projeto de *A História da Sexualidade*: *O Uso dos prazeres* (1983) e *O Cuidado de si* (1984). O autor, que fora acusado de esvaziar o sujeito, nesse momento de sua obra fá-lo ressurgir como ser capaz de resistir à sujeição. Esse novo sujeito é transgressor e estilista, é pontuado não apenas como o resultado do pensamento ocidental contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Transgressão; Estética da existência; Dissolução do sujeito; Literatura sadiana.

ABSTRACT: The aesthetic of existence conceptually arrives on Post modernity philosophical debates since the last writings of Michel Foucault (1926-1984). In those writings apparently appear outcomes on his work, which is indeed the inclusion of a *self aesthetic subject.* This period would be known as *ethical genealogy of the subject*, and was primarily compounded by his two last books inserted on the project of *The History of sexuality*: *The Use of pleasure* (1983) and *The Care of the self* (1984). The author who was charged by empting the subject, in this moment of his work makes it come again as a being able of resistance to any kind of subjection. This new subject is transgressor and stylist, is depicted not merely as a result of Foucault's reflection and experience upon his reading of Sade (1740-1814), Nietzsche (1844-1900), Bataille (1897-1962), Pasolini (1921-1975) and Klossowski (1905-2001), but equally as an aesthetic elaboration of his own philosophical and political actuation, in intellectual and cultural means of western contemporary thought.

Key words: transgression; aesthetic of existence; subject's dissolution; sadian literature.

[1] Professor Dr. do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (DFCS/UEPB).

[2] Professora Me. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus de Cabedelo (IFPB/Cabedelo).

Introdução

Michel Foucault (1926-1984), em seus últimos escritos, descreve que os sujeitos que optam por uma construção subjetiva *autônoma e criativa de seu ser* têm de eticamente assumir a intensão, além da intenção, estético-existencial da própria vida: a envolver corajosamente experiências de erotismo e de sexualidade vivenciadas para além dos subterfúgios da tradição racional moral; a escaparem resistencialmente às normas da religião, da ciência e do direito. Isso se dá em decorrência da sua exclusão e do seu não-enquadramento aos princípios de identidade burguesa, requeridos pelos modelos subjetivos da sociedade impessoal e consumista, da Modernidade até o tempo presente. Dessa forma, a *estética da existência* surge conceitualmente nos debates filosóficos da Pós-Modernidade justamente a partir da última das fases que compõem a obra de Michel Foucault, notadamente aquela que nega o sujeito como produto do poder e o exorta à invenção e à escrita de si.

Foucault se inspira, para isso, no que podemos denominar de *literatura sadiana de transgressão* e, diante dela, assume como objetivo arrancar o sujeito de *si mesmo*, ou fazer com que ele atinja a dissolução dos elementos que o prendem ao racionalismo das convenções moralizantes, de poderes e de instituições. Empresa de desassujeitamento, que podemos chamar também de *destituição subjetiva*. Essa nova configuração do sujeito *livrado para si mesmo*, que é abordada na Pós-Modernidade, é denominada por Foucault de *estética da existência*, a qual é apresentada como um elogio ao sujeito transgressor e *esteta de si mesmo*. Compreendemos que a transgressão apresentada como ingrediente fundamental à estetização da existência, apresentada na obra do último Foucault, é herdeira imediata de sua compreensão e de sua vivência acerca dessa literatura erótica e marginal, que deve a sua origem ao Marquês de Sade, e que postula libertinamente a desconstituição das fixações da identidade e da produção normativa do sujeito.

Foucault, com ênfase, descreve em seus últimos escritos que os sujeitos que optam por uma construção subjetiva autônoma e criativa, a partir de uma intenção estético-existencial que envolva experiências de erotismo e de sexualidade livres (vivenciadas sem os subterfúgios da tradição racional e moral), escapam necessária e resistencialmente às normas da religião, da ciência e do direito; tornando-se, por isso, indivíduos excluídos, haja vista o seu não-enquadramento aos princípios de identidade os quais, de ordinário, são requeridos ante os parâmetros da sociedade ocidental. Dessa forma, o que se percebe de subversivo na proposta foucaudiana de uma *estética da existência* está sumamente presente na literatura erótica sadiana, a qual Foucault sorveu e sempre

manteve muito próxima ao seu cometimento em torno às conceituações dos estigmas da loucura e do desregramento: como ativações a propósito da dissolução do sujeito moderno.

O sujeito em Sade se afoga e se dissolve no lúdico mundo da loucura e da transgressão, tendo representação privilegiada na coragem ousada e liberta de suas experiências sexuais, pois que assume uma visão do erotismo e das práticas da sexualidade em dimensões radicalmente distintas dos cânones da moralidade ocidental. O sujeito em Sade-Foucault não sabe quem é e não tem medo do que é. É um sujeito à deriva, a sua identidade é diluída, o seu ser é flamante e é flutuante. A loucura lhe imprime a fascinação de estar à deriva. A proposta filosófica de Sade, e daqueloutros que se podem dizer *sadianos*, a qual é igualmente retomada por Foucault, assume desbragadamente as características da estigmatizada loucura: revivida na arte e na literatura reinterpretadas pelo último Foucault, em sua *História da sexualidade*. Em Sade, o sujeito é igualmente *descaminhante*, e é reconhecido muitas vezes *como louco*.

Os modos próprios de vida, teorizados e atuados por Foucault na elaboração de sua *ética de si* e de sua *estetização da existência*, não foram, pois, outros senão os que são, de maneira prevalente, vivenciados por aqueles que são tidos como *anormais*, por aqueles que destoam dos padrões e que podem por igual serem tidos como *loucos*; entre outros aspectos por conta de suas emoções consideradas descontroladas e por suas paixões tidas como irascíveis. Nesse sentido, chama a atenção o fato de a literatura sadiana não se preocupar em poupar o seu leitor. Ao contrário, o autor convida todos os que pendem à ousadia a lerem as suas obras: a apresentarem o *mal* e os *desvios* como maiores e mais convexas formas de liberdade. Por isso, os seus personagens centrais são representantes de paixões e de libertinagens, a postularem de seus leitores, senão o seu sangue, uma gota que seja de seu esperma.

Assim como os seus contemporâneos iluministas, Sade almejou relacionar o *sujeito* e a *liberdade* como prática experiencial possível, aquém aos cânones ideais da ordem e da moral estabelecidas. Entretanto, ao contrário do tradicional conceito de liberdade apregoado pelo Iluminismo, o Marquês de Sade acreditava que a liberdade só seria possível como libertinagem. Disso se segue que, na literatura sadiana, o sujeito forte deve desaparecer em nome do desejo e do prazer. A literatura erótica de Sade dissolve, com efeito, a ideia sustentada pela metafísica filosófica ou moral de um sujeito dualista, centrado minazmente na racionalidade que discerne e que separa. O sujeito sadiano, dissolutamente, adeja no mar da libertinagem, dissolvendo-se de todos os componentes morais, religiosos e racionais, na vivência inexpugnável de uma *estética da existência*.

Esse sujeito diluído é, na Pós-Modernidade, apresentado preponderantemente por Foucault, além de Bataille, de Pasolini e de Klossowski, que igualmente contrapõem ao ideal de *sujeito*

moderno racional o de *sujeito a desassujeitar-se*, a expressar e a atuar a sua vida na significação estética e corporal, irrenunciável, de suas paixões. Na compleição desse sentido é que estes autores expuseram na Filosofia contemporânea uma espécie reversa de *ética à deriva*, a qual é herdeira inconteste de Sade: como resistência a toda a normatividade ética moderna. Diante disso, fica claro que essa nova configuração de sujeito em Foucault implica necessariamente na retomada do mesmo tal como apresentado na literatura erótica do Marquês de Sade, da qual o professor do *Collège de France* devidamente se apropria para a formulação de sua *estética da existência*.

A propósito disso, toda a literatura sadiana tem como pano de fundo a história da libertinagem setecentista, por intermédio da qual Sade tinha como intuito examinar o ser humano em seu subsolo, a conhecer o quê de obscuro existe dentro de todo o sujeito racional. De fato, o Marquês apresenta o ser humano expondo-o em suas particularidades mais obscuras. A sua literatura filosófica é a maior expressão daquilo que, de fato, é a liberdade humana, e de como ela corresponde à ideia daquilo o que o universo humanístico da Modernidade formulou como um *mal egoísta*. Para Morais, "o principal traço da liberdade em Sade é o individualismo radical, cultivado paralelamente à absoluta negação do outro" (MORAIS, 2006, p.10).

De modo geral, o objetivo maior da literatura erótica do autor de *Justine* (1791) é a busca de revelar a verdade subterrânea do humano que, na sua concepção, se opunha àqueloutra apregoada em toda a história da Filosofia moral. Ele teve a ousadia de conceber aquilo que até então era inconcebível, que o natural ao homem é o egoísmo, a maldade, a devassidão e o desejo insaciável. Dessa forma, os heróis de seus livros desentoam totalmente do ideal virtuoso, ainda persistente no imaginário literário e filosófico do seu tempo. Em verdade, Donatien Alphonse, o Marquês de Sade, elabora por meio de sua literatura da subversão uma *ética da soberania*, na qual fundamentalmente estaria calcada a *estética da existência*; formulada mais de duzentos anos mais tarde por Michel Foucault.

Em outras palavras, podemos entrever a proposta de Michel Foucault, de uma ética existencial de *vida a ser posta em risco*, a ser assumida com a coragem total da verdade *de si* ou com a pena *em paixão da própria existência*, como desdobramento de uma ética-estética anteriormente já sugerida pela escritura de Sade: *a dissolver moralmente o sujeito*, libertando-o da racionalidade fundadora de prédicas e de identidades moralmente parametrizadas, a possibilitar a existência estilizada de heróis libertinos, terríveis à primeira mirada.

O sadismo como estética transgressiva

O Marquês de Sade apresenta uma proposta de vida e de arte transgressoras, que podem estar relacionadas - desde a Modernidade - com a experiência da loucura. Experiência urgida num labirinto trágico, de descomedimento ético-estético, de desrazão e de ilação moral; que encontra *razão para existir* na literatura transgressiva. Esse estilo de vida *de estética transgressora* é retomado na teorização e no ativismo filosófico de Michel Foucault, na forma de *uma estética da existência.* Em outras palavras, um *fazer da existência uma obra de arte*, assumida com a coragem em risco da própria vida. Vida a ser audazmente atuada e registrada, traduzida e desafiada em experiências de loucura: as quais valem a pena ser sentidas e vividas.

Essa experiência de transgressão em Sade, filosoficamente, equivale a múltiplas e – às vezes – a perturbadoras possibilidades de desterritorialização do sujeito. A proposta literária do filósofo e escritor maldito nos permite enfaticamente abrir os olhos para a possibilidade de vivências que não se restringem aos mecanismos de controle do racionalismo filosófico e científico, tampouco às regras impostas por uma sociedade que é conduzida pelos privilégios da exceção de poderes moralizantes. Contra o império da razão, Sade propõe o combate à moral, na forma de uma *estética da existência vivida como experiência de transgressão*, e percebida como tragédia vital que se ativa na loucura e na perversão: a possibilitarem a exaltação da diferença e a franquearem *a liberdade de se ser louco*. Com efeito, Sade evidencia o sujeito a promover o uso de suas múltiplas sensações, de suas indefinidas experiências passionais e de suas manifestas mutações criativas, a fim de fazer da sua própria vida *uma obra de arte*, posto que grotesca *à sensibilidade e à razão* da maioria censora e imantadamente adstrita ao *biopoder* (Cf. FOUCAULT, 1976, p.127).

Sade nos leva a dialogar, não apenas com Foucault, mas com as vozes indóceis de Nietzsche, de Blanchot, de Klossowski, de Bataille e de Pasolini. Esses teóricos referenciam Sade em suas obras, o que nos leva a crer na intrínseca ligação entre *estética de si* e *literatura*. Em suma, arte e transgressão como conceitos que enobrecem estilos audazes de experimentação erótica e sexual. Algo que não é simplesmente uma explosão discursiva em nome da diversidade, como ocorre contraditoriamente em nossos debates atuais acerca dos ditos *direitos sexuais*.

Por último, a literatura sadiana nos mostra que um sujeito só é livre *de verdade* na transgressão, na negação ousada, desusada em sua própria pele, da moral e da norma. O sujeito só pode fazer-se livre à margem da visão dualista de certo e de errado, à deriva do *bem* e do *mal*. A liberdade em Sade é, portanto, agonística. O sujeito moderno, por sua vez, está aprisionado todo o tempo à ideia de princípios morais, e a liberdade *de si* só encontra esteio na contramão desse ideário

moral, presente em toda a História da Filosofia Ocidental. Liberdade em Sade é, pois, a própria libertinagem, e só se concretiza na transgressão.

De modo geral, são comuns teorizações sobre a dissolução do sujeito em Nietzsche, em Bataille e em Foucault, ao passo que Sade torna-se esquecido como fundamento de toda essa hipercrítica contemporânea à noção moderna de subjetividade. O lugar nodal do sujeito sadiano é, via de regra, rebotado ou mesmo temido como elucubração insana. Como resultado disso, a memória do réprobo literato é lendariamente intimada, tão somente, pela maldição de seus escritos, posto que os aspectos ético-estéticos de suas obras permaneçam reduzidamente explorados. Por isso, postulamos tratar filosoficamente a literatura de transgressão do Marquês de Sade, apontando nesse autor deserdado o ergástulo da nova configuração – luzidia e audaciosa – de destituição do sujeito filosófico, a qual se faz presente no pensamento último de Michel Foucault. Ademais, acreditamos na importância de se resgatar a literatura erótica de Sade, a fim de pontuá-la como alicerce da Filosofia contemporânea de destituição identitária do sujeito. Não d'outro modo porque essa literatura postula conhecer o ser humano em sua totalidade, avançando sem medo aos territórios perigosos e sombrios nos quais os seus contemporâneos iluministas não ousavam caminhar. Ele ambicionou ampliar as suas possibilidades de entender esse animal complexo, a que chamamos *ser humano*. A literatura do autor de *Justine* tinha, pois, como finalidade tudo dizer sobre o sujeito, não mascarando as suas verdades, interrogando-o em flagrantes de incesto, de sevícias, de tortura, de assassinatos e de violência.

Por conta de sua proposta ousada e transgressiva, a obra literária de Sade é acusada de ameaçar o seu leitor. Ordinariamente, a redução da *obra ao terror* justifica o longo período de censura que sofreram os seus escritos e que, infelizmente, ainda sofrem. Na consciência disso, nosso intento remete-nos por igual à atualização das discussões filosóficas acerca dessa literatura, apenas comentada superficialmente por muitos, mas pesquisada a fundo ainda por muito poucos. Para isso interessa-nos, ainda que subsidiariamente, recorrer também à atualização da literatura proscrita, elaborada por filósofos que se remeteram a Sade igualmente com a finalidade de desterritorializar o sujeito. Autores que reconheceram a influência da literatura de Sade, não apenas em suas teorizações, mas também em seus modos de pensar e de encarar a vida. Entre eles, preponderantemente, George Bataille, Pier Paolo Pasolini e Pièrre Klossowski, como corolários da formulação de Michel Foucault acerca da *estetização da existência*.

Otávio Paz[3] lamenta a acusação de *perigosa* à obra sadiana, pontuando que qualquer obra pode ser capaz de portar perigo ao leitor. Para ele, a própria Bíblia é motivo para justificar grandes

[3]*Apud* Morais, In: **Lições de Sade**: ensaios sobre a imaginação libertina. São Paulo: Iluminuras, 2006.

atrocidades. O leitor da *terrível* literatura, de verve sadiana, não é um *perigo em potencial.* Ele pode apenas conhecer o subsolo do sujeito, cuja construção foi presidida na Modernidade por meio de representações virtuais e superficiais acerca das distensões humanas. Esse mesmo leitor pode, como Michel Foucault, inspirar-se a ser como um ativista, como um petardo; que se levanta *terrivelmente* contra todas as formas de arrivismo da subjetividade moderna, mas sem que seja ou aja ele mesmo exatamente como um *terrorista.* O que Sade expõe é o verdadeiro do ser humano, a desentoar completamente do conceito moderno de sujeito. A literatura de Sade abre espaço, assim, para a compreensão ético-estética da desrazão; compreensão essa que será reivindicada mais tarde por Bataille[4], por Pasolini[5], por Klossowiski[6] e, por último, mas não menos, por Michel Foucault[7].

Para estes autores, a literatura de Sade busca descobrir na criação artística aquilo que a realidade recusa, operando uma ruptura com o mundo; ou melhor, com as suas convenções e com as suas exigências sociais (de ordem moral). Por isso, Sade é tido como o autor que rompe com qualquer escrúpulo da tradição humanista, comunicando-se intensamente com o que o leitor tem dentro de si, e que é apresentado intensamente em sua obra literária. Retomar a obra de Sade é, pois, reencontrar o homem aprisionado pela razão que existe no interior de todo o sujeito, a esconder-se nas vestimentas de decretos e de postulados que se colocam como superiores às paixões.

[4]Para Marsillac (2003), a ética da soberania em Bataille é descrita como: "Uma ética da absoluta insubordinação, da transgressão contínua, da crise e do impossível. Algo que se propõe em uma não-sujeição do agente, a agir sem se submeter a nenhuma regra dada" (MARSILLAC, 2003, p.136).

[5]Pasolini talvez tenha sido o primeiro teórico a valer-se da obra de Sade a fim de ilustrar no presente a contaminação dos modos de vida pela banalização das relações e pela reificação dos sentidos. Na observação dessa crítica/recusa de Pasolini ao presente, com bases em Sade, assim como no comentário de suas alegorias acerca da contaminação trazida pelas mais novas formas do capitalismo, é que Foucault teria reformulado a sua própria concepção acerca do poder: de expediente repressivo e disciplinar a assujeitamento íntimo; a ser combatido então pela excitação de uma *ética da coragem de si* (Cf. PEREIRA, 2012).

[6]Leitor de Sade e de Nietzsche, amigo de Bataille, Klossowski é um destes de que se pode dizer *construtores do pensamento da diferença* na contemporaneidade, ao lado de Foucault e de Deleuze. É Klossowski que, em *Sade, meu próximo* (1947), traz a lume a explicitação de que os personagens de Sade são filósofos celerados, senão gangrenados, em sua racionalidade. Porque, se estes aludem à razão normativa os seus procedimentos ditados pela anomalia, é para demolirem a autonomia da razão: da qual escarnecem e demonstram a inutilidade quando, por seu ato supremo, o ateísmo, ela pretende garantir o comportamento humano. De fato, se o ateísmo não for repensado a partir dos fenômenos que a razão rejeita, acaba por consolidar as instituições racionais baseadas nas normas antropomorfas. Disso resulta o seguinte dilema: ou a própria razão é excluída de sua decisão autônoma (o ateísmo), que deveria prevenir a monstruosidade no homem, ou a monstruosidade se exclui de novo de toda a argumentação possível.

[7]Os escritos de Michel Foucault têm como principal foco o sujeito. O próprio autor reconhece que toda a sua obra se dá a propósito de como nós, sujeitos contemporâneos, nos tornamos o que somos. Para tanto, ele recorre inicialmente à tradição filosófica, a fim de criticar a noção de sujeito que emerge na Modernidade com Descartes. Para essa crítica, ele não deixa de reconhecer a importância da influência de outros autores sadianos: "Klossowski, Bataille, Blanchot foram muito importantes para mim. E acredito não haver destacado suficientemente em minha escrita a influência que recebi deles, mais por timidez do que propriamente por ingratidão" (FOUCAULT, 1994, p.589). Foucault analisa ainda a perspectiva psicanalítica da subjetividade, demonstrando as suas imprecisões e as suas insuficiências com relação às demandas morais. "O que podemos chamar de indivíduo não é aquilo que se prende a esse poder político e científico, o que podemos chamar de indivíduo é o efeito produzido sobre ele como subjetividade, do qual temos de nos desvencilhar" (FOUCAULT, 2006, p.69).

Sade e Foucault

Do que se vê, cremos ter elementos suficientes para postular que a ética em sua forma soberana de *estetização da existência*, conforme delineada por Michel Foucault, apresenta como fundamento primaz a literatura erótica do Marquês de Sade. Para ambos, vivemos presos às convenções sociais, prestamos contas o tempo todo de nossos atos à lei da razão. Vivemos em um mundo dissimulado, que foi reduzido à fria razão. A literatura de Sade se apresenta ao leitor como uma possibilidade de fuga radical de todas as éticas prescritivas. Não se trata, contudo, de resistir à moral, mas de ser o mais possível indiferente a ela; haja vista que, consoante explicita Foucault, toda forma de prescrição moral postula sujeição.

Entendemos, diante disso, que essa proposta de recusa total às prescrições da moral, pela qual perpassa toda a literatura sadiana, é a mesma apresentada posteriormente por Foucault como *ética de estilização da existência* e *soberania do sujeito*; as quais, em suma, consistem na atuação de contínua transgressão à ordem, de insubordinação desapegada aos medos, de conflito da própria coragem, de crise itinerante dos sentidos, de inconstância diante da vida, de agonia em viver e em desejar. De modo geral, a proposta literária de Sade corresponde a afogar o homem em um desespero moral, que o arremeta a uma fuga ética, que o desoriente totalmente, que o deixe mesmo à deriva, levando-o ao descaminho, à saída da linha da razão. A estética da existência sadiana se realiza, portanto, no louco, no pervertido sexual, no invertido, no delinquente: referenciados constantemente por Foucault em sua obra. O *esteta de si*, em Sade, será aquele mesmo que Foucault dirá *só ter a possibilidade de existir na literatura, no lúdico*. O próprio autor na literatura desaparece, como sujeito *de razão*, cedendo lugar ao sujeito diluído, destituído de identidades e sem mais territórios fixos.

> A literatura é a localidade onde o homem desaparece. (...) É na obra que o homem encontra o seu abrigo e o seu lugar. É nela que ele habita, é ela quem constitui a sua pátria. Sem ela, o autor não teria, literalmente, existência – não seria o que de fato é. Mas essa existência do artista em sua obra é de tal natureza que o conduz naturalmente a perecer. (FOUCAULT, 2011, p. 51).

Ao revés disso, a realidade fulcrada no conhecimento racional não permite a existência do *esteta de si*, que jaz reduzido às raias do controle e da admoestação prescritivos. Por isso, o sujeito em toda a sua existência apaga-se às representações, endossa as máscaras e as roupas da normalidade e esconde o pervertido que, no subsolo, é. A literatura sadiana despe o sujeito de toda a roupagem racional e franqueia a existência do *esteta de si*, do transgressor, *do homem de verdade*

em todo o conjunto de sua obra. Enfim, em seus escritos, Sade proporciona a dissolução do sujeito de modo quase que idêntico ao que é teorizado por Foucault na última fase de seu pensamento.

O que Foucault e os demais autores malditos - que igualmente buscam na ativação de seus propósitos de vida a ética atitudinal da própria existência, intensamente estilizada em experiências de prazer e de ultraje às ordens estabelecidas - é percorrer eticamente o subsolo do sujeito: haurido desde a Modernidade até o tempo presente; a pontuarem a *desrazão* e o *governo de si* como os elementos indispensáveis à soberania da construção subjetiva em nosso tempo – representada, por sua vez, nas atuações de uma *estética da existência*. A perscrutar as origens dessa face obscura do sujeito, esses autores de inspiração sadiana remetem as suas teorizações e os seus empenhos vitais, para além de um mero cometimento intelectual, a escritos como *Os 120 dias de Sodoma* (1785), no caso de Pasolini e *Justine* e *Juliette* (1791), no caso mais específico de Foucault e de Bataille, a denunciarem a condição espúria da alma racional. A contrapor o ideal de sujeito com a representação do humano nessa literatura, que de tão realista nos causa horror, eles estabelecem a diferença ontológica do sujeito racional e do esteta de si, não temem expor o ser do homem, em seu estado pleno de liberdade, de forma nua e crua.

O *governo de si* e a *ética da soberania*, em Foucault e em Bataille

Na nervura da aproximação entres estes autores proscritos, vislumbramos o fato de que a ética na forma de *estética da existência* em Foucault e a *ética da soberania* em George Bataille apresentam como mesmo fundamento a literatura erótica do Marquês de Sade. O próprio Bataille esclarece isso em *O Erotismo* (1957). Para ele, vivemos presos às convenções sociais, prestamos contas o tempo todo de nossos atos às leis da razão. Vivemos em um mundo dissimulado e reduzido às convenções da razão. Ora, não de outro modo, na busca de mostrar a verdade sobre o sujeito, Sade rompeu com o modelo de literatura produzida em seu tempo e escreveu obras literárias que precisam de cúmplices como leitores. Seus leitores são aqueles que ousam reconhecer para si mesmos o libertino que está sepultado dentro de *si*. As obras do Marquês libertam esse libertino adormecido. Noutro sentido, o leitor não encontrará grandes descobertas na literatura de Sade, mas representações do que o tempo todo o sujeito racional busca camuflar em/de si mesmo.

Assim descreve-se o libertino Minski, quando se apresenta a Juliette: "É preciso muita filosofia para compreender (...) eu sei, sou um monstro, vomitado pela natureza para cooperar com ela na destruição que ela exige (...) sou um ser único na minha espécie..." (SADE, *apud* MORAIS, 2006, p.21). Cremos que o leitor de Sade, ainda que a duras penas, pode acabar por se ver em sua

obra, sentindo as sensações evocadas em todos os seus textos, posto que mórbidas e mesmo monstruosas. E o próprio Sade demonstrava ter consciência a respeito disso; se não, no início de *Os 120 dias de Sodoma* (1785), não nos teria dito:

> Cento e vinte dias, seiscentas paixões. Quatro meses de libertinagem, quatro classes de vícios (...). Muitas extravagâncias aqui ilustradas merecerão sem dúvida o seu desagrado. Mas há entre elas algumas que o aquecerão a ponto de lhe custar algum sêmen, e isso, leitor, é tudo que pedimos (...). A você compete aproveitar o que lhe agrada (SADE, 2008, p.09).

Para George Bataille, cada leitor é pessoalmente visado na literatura de Sade. O propósito do filósofo maldito é que o sujeito assuma a matéria que lhe cabe. Seu intuito não é negar o intelecto, nem o psicológico, mas demonstrar que os sentidos, as sensações são superiores a qualquer compreensão racional pura. Como disse Morais, "o homem concebido por Sade não é cindido: ideia e corpo operam sempre em parceria" (MORAIS, 2006, p.23). Sade nos convida, pois, a ocupar o lugar de seus personagens libertinos, jamais a posição de vítimas diante da vida. Por isso, o mesmo Bataille[8] dizia ter vertigem ao ler Sade, pois ele desperta *o verdadeiro eu* que existe dentro do leitor.

Não na contramão disso, para Foucault, a leitura de Sade nos leva à dissolução do sujeito – como coisa que pensa – e à emergência do sujeito que sente, que goza, que vive e que ultraja promessas exteriores de virtude e de moralidade. O libertino de Sade não permite que o seu corpo seja corrompido pelas ideias, pois que para ele só o singular é verdadeiro, e as ideias nunca são singulares ou intensa e verdadeiramente experimentadas pelo corpo. O que cada indivíduo realmente sente foge às repetições. O triunfo dos sentidos em Sade é o triunfo da própria Filosofia, que se liberta da reprodução racional. Como ressaltou Bataille: "É preciso hoje que cada um de nós preste contas dos seus atos, obedeça em todas as coisas à lei da razão. O passado ainda não morreu em todos, mas só a escória, devido à sua violência dissimulada, escapa ao controle" (BATAILLE, 1987, p.108).

Sade usou a literatura para possibilitar a existência da liberdade soberana, encarnada sumamente no homem libertino. Ele fez dos seus devaneios a verdade sobre o homem, formulando atitudes de consecutivas críticas ao nosso modelo de sociedade - que fez do sujeito um mero prestador de contas dos seus atos. Diante disso, Bataille descreve assim a literatura sadiana:

> O sistema do Marquês de Sade, com efeito, não é menos a realização do que a crítica de um método que leva à eclosão do indivíduo integral acima de uma multidão fascinada. Em primeiro lugar, Sade tentou utilizar os privilégios herdados do regime feudal em benefício de suas paixões. (...) De um lado, ele tomou o partido da revolução e criticou o regime real, e, do outro, aproveitou-se do caráter ilimitado da literatura: propôs aos seus leitores uma espécie de humanidade

[8]BATAILLE, 1987. *O Erotismo*.

> soberana cujos privilégios não estariam ao alcance da multidão. (...) A gratuidade da invenção e seu valor espetacular deixavam aberta uma possibilidade maior que a de instituições, que responderam da maneira mais fraca possível ao desejo de uma existência livre de limites (BATAILLE, 1987, p. 109).

O homem soberano é livre do jugo da razão, pois o próprio defensor da moral e da razão é um amoral em potencial; que almeja subjugar o outro com discursos racionais e moralizantes. Dessa forma, só é possível dialogar com a imoralidade não-camuflada, com a imoralidade evidente, destemida e a descoberto. O desejo sem pudores e/ou subterfúgios é, pois, o fundamento da ética sadiana. O desejo individual nega o desejo alheio. Por isso, ele usa a bizarrice e o grotesco como formas de elaborar um pensamento isento de fraqueza. O sofrimento do estigma que acompanhou toda a vida do Marquês de Sade o fez anular o outro como mata-borrão de suas fraquezas morais.

> O deserto, que foi para ele a Bastilha, e a literatura transformada na única saída da paixão constituíram o grande lance que abriu as fronteiras do possível para além dos sonhos mais insensatos que o homem jamais tivera. Através de uma literatura condensada na prisão, foi-nos dada uma imagem fiel do homem diante do qual o outro deixaria de existir (BATAILLE, 1987, p.110).

Sade identifica que na relação com o outro, ou seja, na relação social e interpessoal, nos anulamos como sujeitos do desejo, em troca da concessão das identidades racionais e morais. Para endossar e envergar o ideal de subjetividade, anulamos o *eu* que vive encarcerado dentro de cada indivíduo. A literatura erótica sadiana desperta e liberta esse ser libertino, que é o verdadeiro eu. Se esse *ser* é impedido de viver no mundo social, em Sade ele encontra possibilidade de existência na literatura. Da mesma forma, Foucault teoriza a propósito de sua *estética da existência*: a pontuar a possibilidade da existência de um *esteta de si* apenas na marginalidade ou nas artes cotidianas da existência.

Conclusão

Modo geral, o homem revelado na literatura sadiana emerge a partir da dissolução do sujeito racional. Com esse tipo de literatura, conhecemos saberes que a razão desconhece e que só são possíveis através dos sentidos. Sem dúvida, essa literatura erótica, grosso modo, nos concede o direito de sentir, de ser aquele(a) cuja realidade nos nega a existência. Não d'outra maneira, a postulação filosófica presente nessa literatura do Marquês nos excede a tudo o que prescreve a razão. Faz-se e exalta-se a volúpia, zombando da sistemática negação de si no mundo real. Para Sade, a volúpia, quanto mais se liga ao crime, mais forte se torna; visto que medo, desejo e infração de regras caminham todos juntos e se retroalimentam. Ceder ao medo é, a revelia disso, viver pela

metade. Por isso Sade permite, em sua literatura, a existência do homem soberano, esteta de si, e que vive resistindo aos medos incutidos na sede do sujeito moral. Ademais, em Sade, admitimos que "queremos um mundo subvertido, queremos um mundo pelo avesso" (BATAILLE, 1987, p.110). Os heróis sadianos ou os protagonistas sádicos assumem em suas vidas um heroísmo cínico, mediado em uma liberdade desenfreada e desmesurada. Somente por intermédio desse heroísmo, o ser humano torna-se capaz de viver, sem anteparos, em um mundo real; no qual a literatura pode ajudar a promover uma existência de estilização livre, ética e estética.

No mundo convencional, vivemos, no entanto, a negação do si mesmo. O sujeito gasta as suas forças a alienar-se em busca de agradar sempre o outro, seja ele deus ou algo ideal e semelhante. Esgotamos as nossas possibilidades de sermos quem somos de fato. Cedemos lugar à fraqueza, à subserviência, ao medo. Dissolvendo esse sujeito, Sade abre espaço em seus *romances* ao homem verdadeiro, ao antissujeito que emerge das ruínas do sujeito moderno.

A propósito disso, o sujeito em Sade aparenta ser também o mesmo *flâneur*[9] apresentado na literatura de Baudelaire. Sobre essa nova configuração de sujeito, diz Sade: "A alma passa por uma espécie de apatia que se metamorfoseia em prazeres mil vezes mais divinos que os que lhes proporcionam as fraquezas" (SADE, *apud* BATAILLE, 1987, p. 113).

Em *Justine, ou os infortúnios da virtude* (1791), Sade nos leva a cotejar o sujeito virtuoso com a desgraça. Contrapostos aos princípios de pureza, apregoados pelo humanismo e representados em Justine, estão a falta de escrúpulos e o egoísmo de sua irmã, Juliette. Nesta última há a representação da alma libertina soberana.

Nessa novela, Sade nos apresenta uma ressignificação do humano, segundo a qual a negação da virtude faz do indivíduo alguém livre e senhor de si mesmo. A representação das duas irmãs nos faz ver claramente que o excesso se opõe à razão, e que a vida existe de fato no excesso. Isso é apresentado na exposição da vida virtuosa, porém oprimida, de Justine e da vida libertina e de fato vivida de sua irmã Juliette. Justine representa o sujeito moderno, aquele mesmo, que segundo Foucault, estava prestes a desaparecer como um rosto na areia da orla do mar: "Então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto na areia" (FOUCAULT, 2007, p.536). O homem soberano de Sade, nessa novela, é apresentado na vida de *Juliette*, como a representação do *soberano esteta de si*, igualmente presente nas teorizações éticas de Foucault e de Bataille.

[9]O flâneur em Baudelaire é o observador fantasmagórico, é um ser errante, um vagabundo, alguém que deambula pela cidade sem propósito aparente, mas que está secretamente em harmonia com a sua história e numa busca velada de aventura, seja ela estética ou erótica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BATAILLE, Georges. *A experiência interior.* Tradução Celso Libânio Coutinho. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *O erotismo.* Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. *A literatura e o mal.* Tradução Antonio Coelho. Lisboa: Veja, 1998.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de La sexualité 1* – La volonté de savoir. Paris: Editions Du Seuil, 1976.

_____. *História da sexualidade 2* – O uso dos prazeres. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque -10 ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Problematização do sujeito:* Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise/Ditos e Escritos. Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Vera Lúcia Avellar Ribeiro – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Ética, Sexualidade, Política*/ Ditos e Escritos. Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Estética, Literatura e Pintura*/Ditos e escritos: Michel Foucault. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*/Ditos e escritos: Michel Foucault. Organização e seleção de texto Manoel Barros de Mota. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2011.

_____. *As Palavras e as Coisas:* uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Muchail. 9ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Dits et écrits.* v. 2. Gallimard: Paris, 1994.

MARSILLAC, Narbal. *A ética da soberania*: uma ética não-prescritiva. Revista Ethica. Vol. 10. Nº1. Rio de Janeiro: 2003. p. 103 – 139. Disponível em http://www.revistaethica.com.br/v10Artigo7.pdf. Acessado em 14 de julho de 2012.

MORAIS. Eliane Robert. *Lições de Sade*: ensaios sobre a imaginação libertina. São Paulo: Iluminuras, 2006.

ORTEGA, Francisco. *A amizade e a estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda. 1999.

PASOLINI, P.P. *Lettere luterane.* Milano: Garzanti, 2010.

_____ . *Scriti corsari.* Milano: Garzanti, 1981.

PEREIRA, F.V.M. *Michel Foucault, leitor de Pasolini.* A propósito da ontologia do presente. Tese de doutorado, UFPE, 2012.

SADE, Marquês Donatien A de. François de. Histoire de Juliette, in: *Oeuvres Complètes*. Tomo VIII. Paris: Mercure de France, 1971.

_____. *Obras Selectas*. Notas e introdução de Roland Barthes, F. Sollers y Pierre Klosowsky sobre la historia de la perversión. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 2005.

_____. *Os crimes de amor*. Tradução Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *Os 120 dias de Sodoma,* ou A escola da libertinagem. Tradução e notas de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. *Justine,* o las desventuras de la virtud. Tradução de Luis Echávarri. Buenos Aires: Letras Universales, 2005.

PEIXOTO, Fernando. *Sade:* Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SALES, Márcio**.** *Labirinto do trágico*: Foucault e a experiência da loucura. Rio de Janeiro: Archiamé, 2011.